

CEDI - R.I.B.
DATA 13 08 86
COD. 67 007

O Sr. Alípio Levay é conhecido entre os índios Guajajara, seus tutelados por circunstância de cargo, pelo interessante apelido de "jaboti". Isso porque, à semelhança desse quelônio, dizem os Guajajara, o Sr. Levay esconde a cabeça e os membros quando vê o perigo. Portanto sua omissão e pusilanimidade na defesa dos índios do Maranhão já é conhecida e mesmo festejada, no característico bom humor dos nossos índios. Mas talvez agora receba uma melhor alcunha, a de "gambá", pois esse animalzinho, quando colocado em perigo, costuma exalar um terrível cheiro, talvez na vã esperança de quem quem seja atingido pela sua mira fique identificado como o produtor do fedor. Ledo engano, todos sabem, Sr. Levay.

Recentemente, depois de passar os meses de setembro, outubro e novembro de 1981 e parte de janeiro e fevereiro deste ano entre os índios Guajá, acusei o Sr. Levay como responsável por ineficiência, desleixo, mentalidade retrógrada e péssima liderança perante os seus subordinados, pela morte de três índios Guajá, no período de 5 de janeiro a 4 de fevereiro deste ano. Por extensão, minha acusação aludia à terrível situação dos remanescentes índios Guajá do Maranhão, a última tribo nômade, exclusivamente caçadora-coletores em todo o Brasil. O Sr. Levay, sem levar em consideração as mortes dos índios, acossado e desesperado, virou contra mim o seu sentimento de culpa, na esperança de fazer esquecer o assunto. Mas o assunto é grave, diz respeito à sobrevivência ou extermínio do grupo humano que possivelmente tem o conhecimento mais completo da natureza da floresta, algo que nessa era de Carajás deveria ser visto com mais atenção. Mais do que isso, os Guajá são seres humanos que merecem o nosso respeito e precisam da nossa ajuda já que é inevitável o contato com a nossa civilização. Ora, a FUNAI é o órgão que tem jurisdição sobre os índios no Brasil; portanto, a ela cabe a responsabilidade de proteger os direitos dos povos indígenas e dar-lhes condições de sobrevivência perante condições tão adversas, como o esbulho de suas terras, a transmissão de doenças infecciosas, a falta de respeito às suas culturas e aos seus direitos humanos. Todos sabemos que essa responsabilidade

vem sendo mais ou menos cumprida no território brasileiro. Para a vergonha do povo maranhense, a FUNAI em São Luís é dirigida pelo Sr. Levay, cujo sentido e prática dessa importante missão é tapar os buracos e mesmo assim não consegue.

de outros índios não Guajá

Darei apenas alguns exemplos que fundamentam as minhas acusações:

1. Há vinte anos a população dos Urubu-Kaapor não cresce; isso quer dizer que o nível de mortalidade infantil é de pelo menos 500 mortos por 1.000 crianças nascidas, isto é, um nível de mais de cinco vezes a média brasileira, ou mais de 40 vezes a média francesa. Entre os índios Guajajara, que tem aumentado a sua população nos últimos 30 anos, esse índice está em 300 por 1.000.
2. Dois anos atrás, dois Guajajara foram assassinados pela polícia de Barra do Corda e a FUNAI de São Luís nem fica indignada com o acontecimento, deixando que o processo tramite a passo de jaboti, sabendo que assim os culpados serão ímpunes, como em tantas outras vezes.
3. Há anos que os índios Krikati pedem a demarcação de sua reserva quase totalmente invadida por fazendeiros. Quem passa pela rodoviária em Imperatriz constantemente ver índios Krikati num estado de total embriaguês, apáticos e sem esperança em relação ao seu futuro. Quando os índios são acusados de bêbados, se põe a culpa na falta de uma disciplina mais rígida, se dá ordens para os índios não saírem das aldeias, ao invés de cortar o problema pela raiz, isto é, demarcar suas terras.

E os detalhes? Já que está na moda, faça algum jornalista uma visita à Casa do Índio ou entreviste uma amostra de uns 50 índios para ver que respostas obterão em relação ao tratamento que a FUNAI em São Luís lhes dá. Como eles se sentem em relação à sua saúde, à segurança de suas terras, ao respeito à sua cultura, ao seu futuro e dos seus filhos?

Em outras palavras, o quadro geral dos índios do Maranhão é péssimo, e quanto mais se se aprofunda nos detalhes mais estarrecedor ele fica.

Isso sobretudo em relação aos índios Guajá, como veremos agora:

Desde 1973, quando o primeiro grupo Guajá foi contatado no rio Turiaçu, já morreram cerca de 100 índios. Nem todos por culpa explícita da FUNAI. Muitos morreram devido às frentes de expansão agrícola no rio Caru e no Pindaré. Mas a maioria se acabou depois de haver sido contatada. Por exemplo: em novembro de 1976, um servidor da FUNAI contou 90 índios no rio Turiaçu. Quando fui fazer pesquisas nessa área em fevereiro de 1980, restavam 30. Hoje continuam a ser 30. Que dizer desse decréscimo populacional da ordem de 60% em pouco mais de 3 anos? (ver meu relatório de 9/13/80).

Em abril de 1980, uma equipe da FUNAI da qual fiz parte, contatou um grupo de 28 índios no vale do Pindaré. Constatada a necessidade de transferência, a FUNAI me requisitou como assessor (não pago e não contratado) nessa transferência. Fiz um relatório em 22 de maio ~~me~~ avisando do perigo de tal empreendimento caso não fossem fornecidas as condições necessárias, tais como a formação de uma equipe especial constituída de médico, enfermeiros, trabalhadores, sertanista, rádio-transmissor, medicamentos, etc. A não ser pela presença de um médico no meio da jornada e um dedicado funcionário da FUNAI, nada disso foi atendido. No final, 7 índios de um grupo de 18 que não vieram nos acompanhando, chegaram a falecer e isso sem que ao menos nós os vissemos. Quer dizer, nem culpa do médico foi, pois aqueles que estavam conosco, embora acometidos de gripe, sobreviveram. O ridículo agora é que o Sr. Levay quer jogar a culpa em mim, como se eu fosse o delegado da FUNAI ou ao menos um seu servidor. Mas todos que participaram dessa agonia ao sabermos da morte desses 7 índios sentiram na carne e no espírito o embuste de terem sido enganados pela irresponsabilidade de não terem tido o apoio da delegacia. Até medicamento não se obtinha do Sr. Levay pois ele simplesmente não prestava atenção a uns pobres índios Guajá que até então não eram causa de publicidade negativa. Posteriormente, mais uma índia veio a falecer

antes do término da transferência, e já sem a minha presença. Também o médico já havia saído e o Sr. Levay o substituiu por um suposto enfermeiro que não aguentou 10 dias na mata. Há testemunhas de tudo isso, inclusive os padres Carlo Ubbiali e Odilo, sem falar nos dois servidores da FUNAI.

Após a minha saída escrevi um relatório (29/7/80) propondo a criação de um posto na área do Caru, e que tivesse uma verdadeira equipe de trabalho, não pessoas para tapar buracos, treinada no respeito à cultura Guajá e que auxiliassem nessa difícil tarefa de recuperação do grupo. Nesse caso, como em outros relatórios, sempre me coloquei à disposição para colaborar na formação dessa equipe, na qualidade que tenho, modéstia à parte, de ser o único não-Gujá que fala a língua Guajá e entende alguma coisa de sua cultura.

Onde está o posto? Onde a equipe treinada? Enquanto os índios estavam bem nada era feito. No entanto, em dezembro de 1981, quando eu não estava na região, os Guajá foram acometidos de malária transmitida provavelmente por pessoas da região que eram contratadas para fazer a roça para os índios. Algumas dessas pessoas tinham vindo recentemente de garimpos do Pará, famosos pelas riquezas de malária. Nesse mês, o médico da FUNAI foi deslocado duas vezes para curar os índios, só que seu diagnóstico era de que estavam com gripe. Enquanto isso a malária os ia enfranquecendo de tal forma que quando voltei no dia 7 de janeiro de 1982 já havia morrido uma criança. Daí a SUCAM é chamada e constatada a presença de plasmodium falciparum, a mais virulenta forma de malária, em 12 índios. Como os índios estavam fracos, a equipe ~~fixa~~ tapa-buraco enviada pelo Sr. Levay resolve por bem comprar porco para a alimentação dos índios. Por mais que se dissesse que carne de porco não é bom para fígado inflamado, o médico respondia para não se preocupar pois ele tinha remédios para o fígado!!! Essa é a teoria de dar veneno ao paciente na doce ilusão de se ter o contra-veneno em mãos. Resultado; desgastado fisicamente, morre inesperadamente um índio velho no dia 3 de fevereiro. No dia 4 morre uma criança aparentemente desidratada. No dia 5 um jovem mulher aborta um feto de 5 meses.

Agora, o Sr. Levay quer jogar-me a culpa por essas mortes? Alega que eu me recusei a fazer exames de saúde? Verifique, Sr. Levay, se há alguma testemunha de eu estar gripado ou com malária em qualquer momento da minha pesquisa. Pergunte aos seus subordinados quem estava doente nesse mês e verá a resposta... Que se faça um inquérito médico sobre a morte desses índios e ver-se-á que a resposta está na falta de competência de seus subordinados de um médico que não sabe distinguir gripe de malária e de um enfermeiro que diz que cloroquina é bom para toda febre, sem entrar em maiores detalhes da maneira de tratamento.

Mais ainda acontece que na ocasião dessas mortes, em fevereiro, eu estava na cidade de Santa Inês e só voltei no dia 7 quando os índios já tinham se mudado para outro local, para onde me desloquei e ajudei na recuperação dos ~~restantes~~ restantes. Há testemunhas disso, Sr. Levay.

Mas o absurdo final das declarações do Sr. Levay, um absurdo que beira à insanidade mental, é que ele diz que eu preparava os índios para a sua morte. Será que foi por telepatia, Sr. Levay? Ora, vamos, eu não sou padre, nem conselheiro espiritual, nem tenho diploma de pajé. Eu sou um antropólogo que há 7 anos venho trabalhando com índios no Maranhão, seja em pesquisa de campo, em arquivos históricos estaduais e federais, seja em debates e artigos que invariavelmente mostram que minha preocupação é de contribuir para a sobrevivência dos nossos índios. Não é por menos que minha tese de Ph.D. apresentada nos Estados Unidos em 1977 tem o título de "A Sobrevivência Étnica dos Índios Tenetehara-Guajajara do Maranhão", e isso porque eu espero e confio que com um pequeno mas sério apoio nosso os ~~meus~~ índios têm condições de sobreviver como povos independentes dentro da nação brasileira.

Em várias ocasiões anteriores apoiei a FUNAI, como por exemplo no processo que esclareceu juridicamente e culturalmente o direito dos Guajajara na área do Bacurizinho, ou na reconquista das terras do Alto Alegre, até então controlada pelos frades capuchinhos. Como agora ficar omissos perante a

forte possibilidade de extinção dos Guajá por motivos que podem ser controlados? Há dois anos que venho trabalhando com esses índios e durante todo esse tempo tenho feito urgentes apelos em relatórios e em conversas no sentido de se viabilizar um plano sério que auxilie os Guajá na sua sobrevivência. Até pouco tempo pensava que isso poderia ser feito com calma e paciência, na base da persuasão, mas a estupidez humana não pode ser melhorada, ela tem que ser arrancada pela raiz.

Os meus amigos sabem que não acredito que a FUNAI seja uma instituição intrinsecamente corrupta e portanto descartável. Em São Luis, há pelo menos 4 ou 5 chefes de posto que conheço bem e os respeito. Muitos enfermeiros procuram trabalhar de forma a mais consciente possível. Outros funcionários têm comportamento louvável. Acontece, porém, que como todo órgão, para onde segue a liderança, são levados os subordinados, com raras exceções. E o resultado é que a tendência geral é para o desleixo, o cumprimento unicamente burocrático, a omissão. E o interesse genuíno, a preocupação em aprender melhor como favorecer os índios na sua busca por reconhecimento como culturas que merecem um lugar ao sol, ficam em segundo plano porque falta uma liderança que dê condições a isso.

É lamentável, é desumano, e é uma vergonha para o povo maranhense, que a sorte dos índios Guajá, esse último povo que vive um contato extraordinariamente íntimo com a floresta, dela retirando da forma mais natural possível todo o seu sustento, esteja nas mãos de pessoas que os vê simplesmente como o seu ganha-pão. Precisamos pressionar as autoridades para que essa situação mude logo, se não quisermos carregar em nossas consciências a marca de mais um povo que morre por irresponsabilidade e falta de visão de quem supostamente cuida deles.

Aercio Pereira Gomez

Campinas, 31 de março de 1982